

Violência Ocupacional contra Profissionais de Saúde no Brasil: Uma Revisão Integrativa da Literatura

Occupational Violence against Health Professionals in Brazil: An Integrative Review of Literature

DOI:10.34117/bjdv9n1-002

Recebimento dos originais:

Aceitação para publicação:

Ana Carolina Porcaro Pimenta

Graduando em Medicina

Instituição: Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Palmas)

Endereço: Conj. 02 - ACSU SO 70, Rua NS 1, Lote 3, Palmas - TO, CEP: 77017-004

E-mail: anacarolinappimenta@gmail.com

Lucas Pinheiro Lima

Graduando em Medicina

Instituição: Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Palmas)

Endereço: Conj. 02 - ACSU SO 70, Rua NS 1, Lote 3, Palmas - TO, CEP: 77017-004

E-mail: lucaspinheirolima@hotmail.com

Mônica Andrade Lemes

Graduando em Medicina

Instituição: Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Palmas)

Endereço: Conj. 02 - ACSU SO 70, Rua NS 1, Lote 3, Palmas - TO, CEP: 77017-004

E-mail: monicaandradelemes@gmail.com

Paulo Sergio da Silva

Graduando em Medicina

Instituição: Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Palmas)

Endereço: Conj. 02 - ACSU SO 70, Rua NS 1, Lote 3, Palmas - TO, CEP: 77017-004

E-mail: paulosergiosilva.20@gmail.com

Isnaya Almeida Brandão Lima

Cirurgiã-dentista, Professora e Mestra

Instituição: Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Palmas)

Endereço: Conj. 02 - ACSU SO 70, Rua NS 1, Lote 3, Palmas - TO, CEP: 77017-004

E-mail: isnaya.lima@itpacpalmas.com.br

RESUMO

A violência contra os profissionais da área da Saúde é uma realidade comum no Brasil. Enfermeiros, Médicos, Psicólogos e demais profissionais da saúde são comumente vítimas de agressão física e verbal, e isso afeta diretamente sua capacidade laboral e equilíbrio psicológico, principalmente quando se permanece trabalhando no local em que foi agredido. Os profissionais da enfermagem são os maiores passivos da violência, por estarem constantemente presentes nos ambientes em que ocorre a violência. Em outras circunstâncias, o processo da violência pode se dar também dentro da própria equipe, onde as causas mais comuns são o desnível dentro da pirâmide hierárquica de cargos ou os relacionamentos interpessoais. A proposta deste estudo é evidenciar, sob a ótica da prevalência, a realidade da

violência ocupacional contra profissionais de saúde no Brasil. A ferramenta de construção foi moldada nas características de uma Revisão Integrativa da Literatura, com busca de amostragem nos trabalhos publicados, coleta de dados a partir dos critérios de inclusão e exclusão e análise crítica do banco de artigos selecionados, com foco sobre seus objetivos, resultados e discussão. A busca inicial com filtros temporais e de tipos de estudo encontrou 156 artigos; após as etapas de aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, leitura de títulos, leitura dos resumos e leitura dos artigos pré-selecionados, obteve-se uma amostra final de 8 artigos. Observa-se, após análise correlativa entre os artigos de suporte integrativo, uma apresentação mais prevalente sobre a violência de natureza psicológica, sob as formas essencialmente verbal e assédio moral; no entanto, é válido ressaltar os resultados significantes sobre a agressão de natureza física. A violência ocupacional corrobora no desequilíbrio laboral individual e da equipe, em quaisquer espaço de atuação, sendo necessário estratégias para minimizar essa realidade, de modo a proporcionar um ambiente de trabalho seguro ao profissional, viabilizando a realização eficaz de seu trabalho, e em última análise, proporcionar saúde de qualidade à sociedade a partir de um melhor desempenho laboral.

Palavras-chave: Violência; Ocupacional; Profissionais da Saúde; Brasil.

ABSTRACT

Violence against health professionals is a common reality in Brazil. Nurses, Doctors, Psychologists and other health professionals are commonly victims of physical and verbal aggression, and this directly affects their work capacity and psychological balance, especially when they remain working in the place where they were attacked. Nursing professionals are the greatest victims of violence, as they are constantly present in environments where violence occurs. In other circumstances, the process of violence can also occur within the team itself, where the most common causes are unevenness within the hierarchical pyramid of positions or interpersonal relationships. The purpose of this study is to highlight, from the perspective of prevalence, the reality of occupational violence against health professionals in Brazil. The construction tool was modeled on the characteristics of an Integrative Literature Review, with sampling of published works, data collection based on inclusion and exclusion criteria and critical analysis of the selected articles bank, focusing on their objectives, results and discussion. The initial search with temporal and study type filters found 156 articles; after applying the inclusion and exclusion criteria, reading the titles, reading the abstracts and reading the pre-selected articles, a final sample of 8 articles was obtained. It is observed, after a correlative analysis between the integrative support articles, a more prevalent presentation on violence of a psychological nature, in essentially verbal forms and moral harassment; however, it is worth noting the significant results on physical aggression. Occupational violence corroborates the individual and team work imbalance, in any area of activity, requiring strategies to minimize this reality, in order to provide a safe work environment for professionals, enabling the effective performance of their work, and ultimately , provide quality health to society based on better work performance.

Keywords: Violence; Occupational; Health Professionals; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência se configura no uso intencional da força física ou do poder em mãos, contra si mesmo, um terceiro ou um conjunto de indivíduos, que pode ter como consequência uma lesão física, dano psíquico,

desenvolvimento retardado ou inibido com déficit de rendimento com consequências agudas ou crônicas ou mesmo morte à vítima violentada. Em relação a uma especificidade de violência, a violência ocupacional, a OMS, em conjunto com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a conceituaram como a violência que decorre de abusos, ameaças ou ataques às pessoas no âmbito de seu laboro, até mesmo durante o caminho de ida e vinda que pode colocar riscos a segurança, bem-estar ou diretamente a saúde do indivíduo (PEREIRA, 2018, apud VELLOSO; ARAÚJO; ALVES, 2011).

A violência no âmbito do trabalho é uma realidade tão notória que a própria Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNST) (Brasil, 2004) a coloca em evidência:

Entre os problemas de saúde relacionados ao trabalho deve ser ressaltado o aumento das agressões e episódios de violência contra o trabalhador no seu local de trabalho, traduzida pelos acidentes e doenças do trabalho; violência decorrente de relações de trabalho deterioradas, como no trabalho escravo e envolvendo crianças; a violência ligada às relações de gênero e ao assédio moral, caracterizada pelas agressões entre pares, chefias e subordinados (Brasil, 2004, p. 6).

Nesse contexto, a violência se torna um fator real a partir do momento em que se evidencia um aumento considerável na morbimortalidade decorrente desta ao longo dos últimos 30 anos. As razões variam entre: fator interpessoal, discriminação em termos de raça e/ou classe, abuso e dominação. Sendo interpessoal ou institucional, a violência resulta de um processo dinâmico social, nutrido por interesse pessoal e praticado por desvios de conduta comportamental de pessoas e serviços de saúde (PEREIRA, 2018, apud VELLOSO; ARAÚJO; ALVES; 2011). A violência ocupacional vem se enraizando e ganhando contornos sérios, a ponto de fazer necessário um olhar mais crítico e resolutivo por parte de entidades competentes.

No Brasil, o reconhecimento da violência ocupacional ainda é uma realidade relativamente recente. 1990 se tornou um ano divisor de águas em relação a este processo pois foi neste ano que se passou a considerar esse tipo de violência como a que ocorre no ambiente trabalhista do indivíduo agredido.

Um conjunto de violências, como a física e a emocional, têm sido investidas contra profissionais do setor da saúde, gerando sofrimento e redução da qualidade de vida laboral. Ameaças e agressões físicas, abuso emocional e assédio sexual, praticadas por supervisores, colegas de serviço ou até mesmo de visitantes familiares ou não familiares (PEREIRA, 2018,

apud VELLOSO; ARAÚJO; ALVES, 2011).

Os profissionais enfermeiros são os maiores passivos da violência pois seus locais de trabalho favorecem o maior contato com outros profissionais, pacientes e familiares. Em outras circunstâncias, o processo da violência se dá institucionalmente, dentro da própria equipe, geralmente causado pelo desnível dentro da pirâmide hierárquica de trabalho ou pelos problemas de relacionamentos interpessoais (ARAÚJO, 2013).

Estudos de âmbito nacional estimaram a prevalência da violência no trabalho dentro das instituições de saúde, com números mais preocupantes no setor hospitalar, cuja prevalência variou entre 25,9% (SILVA *et al.*, 2014) e 63,2% (PEREIRA, 2018, apud MANETTI *et al.*, 2008). A agressão verbal foi a forma de violência que apresentou maior frequência e as mulheres foram apontadas como as maiores vítimas. Tendo a faixa etária como parâmetro de vulnerabilidade, a probabilidade de ocorrência dispara em 80% entre 25 e 39 anos, em comparação direta com as profissionais de idade maior (SILVA *et al.*, 2014).

Múltiplos fatores se fazem presentes nos episódios de violência laboral que variam desde agressividade de natureza verbal com sutileza ou de forma feroz, até agressões que geram danos físicos ao indivíduo vítima da agressão. Nessa vertente, se tornam fundamentais a presença de uma supervisão capaz de promover a seguridade da proteção dos trabalhadores e que saibam a melhor conduta diante da possibilidade e/ou ocorrência de uma agressão dentro da instituição (ALMEIDA *et al.*, 2017). No entanto, não têm sido adotadas medidas capazes de melhorar a proteção ao trabalhador, o que torna a violência ocupacional, um fardo cotidiano no âmbito do trabalho (MERLO e LAPIS, 2007).

Observa-se que a violência ocupacional contra profissionais da área da saúde ganha forças no cenário cotidiano desses trabalhadores. Desta forma, é crucial buscar pesquisas científicas que buscam desvendar os múltiplos fatores que corroboram para esse aumento. A construção de uma revisão integrativa visa agrupar artigos com objetivos comuns, destacando as informações de maior evidência científica, no intuito de construir uma pesquisa solidificada capaz de alcançar os objetivos propostos.

Vasconcelos e colaboradores (2012) definem que a violência contra trabalhadores da área da saúde no âmbito hospitalar é uma realidade antiga sugerindo como hipótese mais louvável para explicar tal fato, a questão desses profissionais trabalharem como personagens principais na promoção, prevenção e busca da reabilitação dos pacientes adoecidos e de seus familiares que acompanham o processo. Seguindo essa lógica, tanto a agressão verbal, quanto a física vão além do próprio significado de violência, e acabam por atingir a qualidade do desenvolvimento do laboro e a redução da produção do trabalhador na instituição da saúde. Logo, esta pesquisa visa englobar aspectos que possam esclarecer, tornando mais

transparentes os motivos, as circunstâncias e as profissões mais envolvidas e, após análises detalhadas destas, fomentar propostas de intervenção com efeito redutor do número de casos.

Os profissionais médicos, enfermeiros, psicólogos, dentre outros que atuam no setor de saúde, estão diariamente sujeitos a ocorrência de agressão, desde verbal à física. Ao imaginar a importância na promoção da saúde, o profissionalismo em buscar ajudar a sociedade, a disposição em prestar serviços com responsabilidade e prazer, faz desses profissionais personagens insubstituíveis à saúde.

Seguindo este raciocínio, a relevância em destacar a realidade da violência contra os profissionais da saúde, os fatores associados à prática desse tipo de violência, a estatística da prevalência e a importância desses profissionais à sociedade, é consideravelmente importante dentro do mudo científico, justificando assim a realização desta revisão. Assim, com o objetivo de investigar a violência ocupacional contra profissionais de saúde no Brasil nos últimos 5 anos, propõe-se reunir e analisar a bibliografia capaz de responder à seguinte pergunta de pesquisa: Qual a prevalência da violência ocupacional contra profissionais da área da saúde no Brasil?

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza como uma Revisão Integrativa da Literatura apoiada em um levantamento de dados já publicados na literatura sobre a violência relacionada a atividade laboral dos profissionais de saúde no Brasil.

A Revisão Integrativa consiste em um rigoroso método que produz a síntese de conhecimento do tema proposto para revisão, induzindo a prática clínica sob a saúde baseada em evidências, compreendendo os fenômenos envolvidos e as consequências destes sobre os resultados, trata-se, portanto, de um modelo de pesquisa que permite a inclusão de diferentes metodologias de estudos e comparação destes, propiciando apuração de lacunas do conhecimento e norteando o desenvolvimento de novas análises científicas sobre o assunto, garantindo assim uma melhor qualidade dos resultados obtidos (MENDES et al., 2019). O manual de revisão integrativa do COFEN 2014 identifica que este modelo de revisão está dividido em etapas distintas sendo: Elaboração de questão de pesquisa; concepção de critérios de inclusão e exclusão; Pesquisa e coleta de dados; triagem dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados e exposição da síntese do conhecimento.

Para alcançar os objetivos traçados e responder ao problema de pesquisa pré-definido, foram utilizados os artigos encontrados nas seguintes bases de dados: Portal de periódicos da Capes; Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE); Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); Scientific Electronic Library

Online (SciELO) e revistas em saúde indexadas encontradas através do buscador Google Acadêmico. Para realização das buscas, foi delimitado o tempo (últimos 6 anos) e utilizados os seguintes descritores com apoio dos operadores booleanos: “violência no trabalho” AND “profissional de saúde” AND “Brasil”.

Em termos de inclusão, foram selecionados apenas os artigos que evidenciam dados epidemiológicos da violência ocupacional contra os profissionais de saúde; publicados em português; e disponíveis gratuitamente na íntegra. Foram excluídos desta amostra, as revisões e os estudos repetidos.

Após a seleção inicial do material com base nos resumos, se tornou possível a realização uma leitura exploratória das obras bibliográficas com o objetivo de verificar quais os conteúdos dos artigos consultados de fato têm relação com a pesquisa. Em seguida, foi realizada uma leitura analítica dos artigos, com a finalidade de ordenar e sumarizar os dados contidos nas fontes, buscando-se a obtenção de respostas ao problema da pesquisa.

O estudo não confere quaisquer riscos à população por trabalhar apenas com resultados já publicados. Ainda assim, os autores asseguram a atribuição de autoria dos artigos pesquisados, através das citações e referências dos autores segundo as normas da literatura científica.

Para obtenção dos dados, foi elaborado um quadro com as principais informações de cada trabalho incluído no estudo: Autores/Ano de publicação, Amostra, Tipo de Estudo, Principais Resultados e Conclusão.

Como desfecho, com a análise dessas informações, se tornou viável responder à pergunta de pesquisa, confirmando ou refutando as hipóteses apresentadas. Em outras palavras, foi alcançado, com a consolidação dos dados acerca das agressões a profissionais de saúde no Brasil, conhecer a sua prevalência, quais categorias profissionais são mais atingidas e o perfil dos agredidos e agressores.

Dessa forma, entende-se que, além da contribuição científica, a presente proposta apresenta um caráter social e de reorganização dos serviços de saúde ofertados no país, embasando inclusive o desenvolvimento de políticas públicas capazes de minimizar este grave problema de saúde pública.

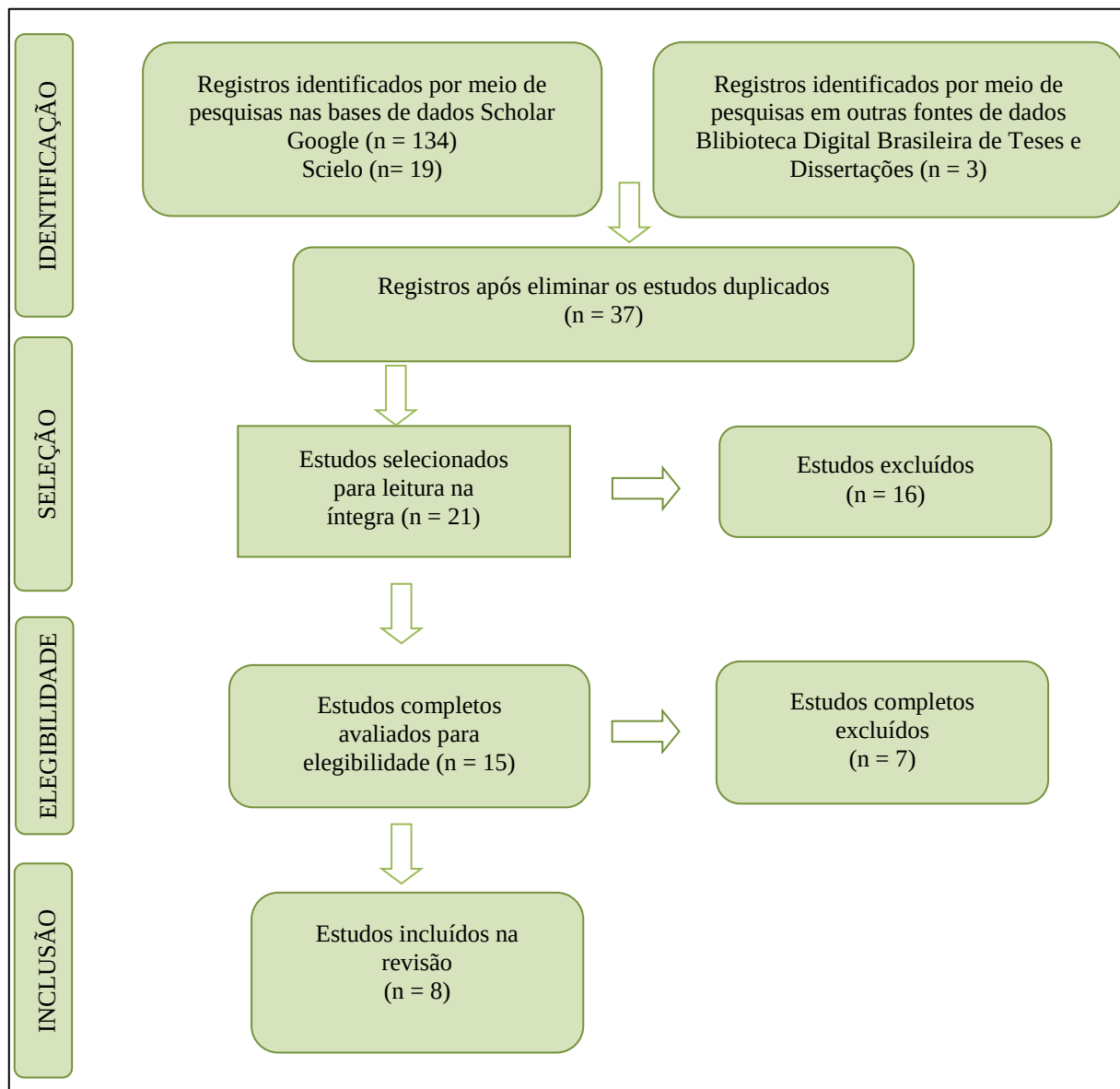
3 RESULTADOS

Na busca inicial, através do uso dos descritores, período e bases de dados pré-definidos, foram encontrados 156 artigos. Na sequência, foram aplicados os critérios de inclusão, reduzindo a um número de 37 estudos, seguidos dos critérios de exclusão, resultando em 21 artigos pré-selecionados.

Numa etapa mais analítica, realizou-se a leitura dos resumos dos artigos, chegando a um

número de 15 artigos. Por fim, estes artigos foram lidos na íntegra, resultando em uma amostra final de 8 artigos, conforme esquematizado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma de processo de identificação e seleção de artigos



Fonte: elaboração dos autores

Quadro 1 – Dados dos artigos selecionados para revisão integrativa.

AUTOR/ ANO/ PERIÓDICO	AMOSTRA/ LOCAL	TIPO DE ESTUDO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
VIEIRA, Gisele Lacerda Chave, 2017 Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	Amostra composta por 125 técnicos de enfermagem de dois hospitais psiquiátricos da rede pública de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em 2014.	Estudo transversal	No que diz respeito à percepção de segurança em relação a agressões no ambiente de trabalho, dos 120 que responderam a este quesito, 103 (85,8%) relataram não se sentirem seguros. Dos 125 participantes, 96 (76,8%) relataram já ter passado por alguma experiência de agressão física no trabalho. Entre esses, a maior parte dos casos ocorreu com profissionais do sexo feminino (n = 72; 75,0%) e no período diurno (n = 55; 57,3%).	Constatou-se que grande parte dos casos de agressão física ocorreu nas enfermarias e no período diurno. Apesar das consequências físicas e psicológicas mencionadas pelos profissionais chama-se atenção para o relato do pouco suporte da instituição e da presença de subnotificação dos eventos vivenciados por esses profissionais. Finalmente, os resultados apontam claramente para a necessidade de se instituir medidas que melhorem as condições de trabalho e que previnam a violência.
PAI, Daiane Dal et al., 2018 Revista Texto & Contexto Enfermagem	Participaram do estudo, auxiliares e técnicos de enfermagem, enfermeiros, médicos e outros profissionais da saúde (nutricionistas, fisioterapeutas, assistentes sociais, odontólogos, psicólogos e técnicos de radiologia). A amostra somou n=269 profissionais de um hospital público referência em trauma para a Região Sul do Brasil. A pesquisa não cita o nome do Hospital	Estudo transversal, de abordagem mista, com delineamento quantitativo.	O estudo registrou 277 eventos de violência entre os 170 trabalhadores que afirmaram ter sofrido violência, seja um tipo de violência (35%, n=94) ou mais (28,2%, n=76), nos últimos 12 meses. Dentre as vítimas, 15,2% (n=42) sofreram violência física. A violência psicológica atingiu 48,7% (n=135) dos trabalhadores por meio de agressões verbais, 24,9% (n=69), por assédio moral, 8,7% (n=24) foram ocorrências de discriminação racial e 2,5% (n=7), de assédio sexual. A violência psicológica foi prevalente, principalmente na forma de agressão verbal e assédio moral, mas a violência física também se mostrou frequente. Mulheres foram estatisticamente mais expostas à violência física, assédio moral e discriminação racial, bem como técnicos de enfermagem foram mais expostos à violência física e assédio moral.	Acredita-se que a presente investigação poderá despertar os profissionais da saúde para reconhecerem a problemática, bem como poderá instigar futuros profissionais a refletir sobre o tema e identificar circunstâncias potencialmente capazes de incitar práticas de violência ou mesmo enxergar as agressões físicas e psicológicas, por vezes consideradas inerentes ao contexto da saúde. A violência psicológica foi prevalente, com maior incidência na forma de agressão verbal e assédio moral. A violência física também se mostrou significativa. O sexo feminino obteve maior prevalência sobre as agressões destacadas. O paciente foi o principal agressor nesse estudo.
FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira, 2018 Revista Gaúcha de Enfermagem	A população total do estudo correspondeu a 10 trabalhadores de enfermagem (cinco	Estudo de caráter descritivo de abordagem qualitativa	Os profissionais quando indagados se já tinham sofrido algum tipo de violência no setor de ACCR e de qual natureza, evidenciaram três ideias Centrais: 1) estamos expostos a	A violência verbal tem maior destaque e é cometida pelos usuários e até mesmo por outros profissionais de saúde. Diante do exposto, torna-se clara a necessidade que os profissionais de enfermagem tenham atitudes de reconhecer

	enfermeiros e cinco técnicos de enfermagem) realizado em um hospital regional referência em urgência e emergência do oeste do Estado do Rio Grande do Norte		sofrer violência dos usuários, violência por parte de profissionais, predomina a violência verbal. 2) Expostos a violência por parte de profissionais. 3) predomina a violência verbal	e de denunciar a violência, para que essa problemática possa ter uma maior proporção de visibilidade.
TSUKAMOTO, Sirlene Aparecida Scarpin et al., 2019 Revista Research, Society and Development	242 indivíduos trabalhadores de Enfermagem de um hospital universitário da Região Sul do Brasil	Estudo transversal	A maioria da amostra pertencia ao sexo feminino. Em relação à violência ocupacional, 43% (n=104) referiram estar preocupados, 36,8% (n=89) indicaram a existência de procedimentos institucionais para o relato, contudo 76% (n=184) referiram que não há estímulo para o relato. A prevalência de violência física nos últimos 12 meses foi de 20,2% (n=49), dos quais 49% (n=24) revelaram uma frequência de duas vezes ou mais no período. Em 6,2% (n=3) dos casos, envolveu arma branca ou de fogo e nas demais foi corpo a corpo.	A equipe de enfermagem sofreu violência física no trabalho, principalmente pelos pacientes e familiares. Também sofreram abuso verbal e assédio sexual, sobretudo pelos colegas de trabalho, chefes e supervisores.
CEBALLOS, Joyce Borges et al., 2020 Revista Brasileira de Enfermagem	A amostra final foi composta por 80 enfermeiros selecionados a partir de todas as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) 24 horas, todos os Centros Regionais de Saúde (CRSs) 24 horas e nos Pronto Atendimento Médicos (PAMs) vinculados aos três maiores hospitais do município:	Estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa	A maioria dos enfermeiros não considera a violência ocupacional normal ou intrínseca ao seu trabalho (85,0%; n=68) e avaliam que a instituição considera esse tipo de violência um assunto muito importante (50,0%; n=40). Os fatores de risco a esse agravo foram diversos e relacionados a aspectos multifacetados. Destaca-se que os enfermeiros referiram sofrer mais violência verbal (90%; 72/80) do que física (17,5%; 14/80)	Os vários tipos de violências são influenciados por aspectos institucionais, profissionais e da clientela. O enfrentamento desse problema inclui aprimorar a capacidade de atendimento, as condições de trabalho e as políticas institucionais de educação permanente, além de educar e sensibilizar os usuários e acompanhantes.

	Universitário, Regional e Santa Casa, que prestam atendimento ao Sistema Único de Saúde (SUS).			
BUSNELLO, Grasielle Fatima et al., 2021 Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem	169 trabalhadores de Enfermagem da Estratégia Saúde da Família de um município localizado no Sul do Brasil, sendo 47 enfermeiros e 122 auxiliares/técnicos de Enfermagem	Estudo de métodos mistos, do tipo explanatório o sequencial	Maioria parte da amostra composta por mulheres (93,5%). No estudo, 141 trabalhadores revelaram ter sofrido, nos últimos 12 meses, 221 episódios de violência. Dentre eles, 76 (45,0%) sofreram um tipo e 50 (29,6%), dois tipos. A violência mais referida foi a psicológica, destacando-se a agressão verbal (n=128/75,7%), o assédio moral (n=66/39,1%), o assédio sexual (n=15/8,9%) e a discriminação racial (n=7/4,1%). Ainda, parte da amostra (n=5/3,0%) referiu ter sofrido violência física	O estudo revelou que os trabalhadores de Enfermagem da ESF estão expostos à violência em seu ambiente. Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de planejamento de medidas contra a violência e de diretrizes que viabilizem o trabalho seguro e acolhedor aos trabalhadores, fator primordial para a manutenção da saúde do trabalhador, assim como para a qualidade da assistência prestada aos usuários.
SILVA, Fernanda Bandeira da, et al. 2021 Revista Aletheia	47 profissionais da área da saúde (15 técnicos de enfermagem, 8 auxiliares de enfermagem, 11 enfermeiros, 8 técnicos em radiologia, 2 médicos especialistas e 3 médicos de clínica geral) de um Hospital do Norte do País (Hospital de Itaituba, PA)	Descritivo, de abordagem quantitativa.	Sobre a violência sofrida pelos profissionais do setor de urgência e emergência desta pesquisa, cerca de 61,7% (n=29) relatam ter sofrido violência no local de trabalho. A agressão psicológica foi predominante no hospital que foi base para esta pesquisa. A violência psicológica, predominante, é praticada no período noturno e é a mais realizada por acompanhantes, tanto homens quanto mulheres, com idade entre 21 a 30 anos.	O estudo revelou predominância da violência psicológica, sendo o sexo feminino mais afetado, incluindo principalmente enfermeiras e técnicas de enfermagem. Acredita-se que a pesquisa foi suficiente em demonstrar uma amostra da realidade de uma urgência e emergência de um hospital público amazônico.
AMORIM, Mariana Conceição. 2021	Participantes do estudo foram 11 profissionais da equipe de enfermagem, sendo dois enfermeiros e nove técnicos de enfermagem	Estudo do tipo qualitativo, exploratório, descritivo	A enfermagem é afetada pela violência no trabalho de forma direta ou até mesmo indiretamente e isso se torna mais visível através das inadequações das condições de trabalho nas instituições hospitalares. As instituições, por diversas	A violência acometida ao profissional de saúde vai além de fatores pessoais ou até mesmo comportamentais, resultando na precarização da assistência prestada(8). Dessa forma, torna-se essencial a implementação de melhorias no ambiente de trabalho desse profissional, pois os

			vezes, decidem continuar funcionando mesmo de forma indesejável ou improvisada, incorrendo na oferta de serviços de forma insalubre aos clientes, e levando também os profissionais a exposição aos riscos ocupacionais	mesmos lidam diretamente com a falta de estrutura física, além da falta de insumos suficientes, o que pode provocar agravos psíquicos, expressos no corpo do trabalhador por meio da ocorrência de doenças relacionadas as péssimas condições de trabalho
--	--	--	---	---

Fonte: elaboração dos autores

4 DISCUSSÃO

4.1 Sobre a Violência?

E o que é violência?

A violência é definida como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que cause ou possa resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Agir contra outrem que cause dano físico, social, psicológico e/ou espiritual (OMS, 2002).

Para Ferreira (1999) a violência é a qualidade de ser violento; irregularidades; constrangimento físico ou mental; uso da força; coação.

De modo geral, a reflexão sobre a violência pode nos levar a compreender o significado compartilhado socialmente.

De acordo com o Novo dicionário Etimológico de Língua Portuguesa (FONTINHA, s/d):

Violência. s.f (Lat. Violentia (m)) - Qualidade de violento; ação ou resultado da ação de violentar ou violentar-se; ímpeto veemente nas ações; força com que se pretende obrigar uma pessoa a fazer aquilo que ela não quer; ato violento; abuso da força e do poder; opressão; grande impulso; veemência, impetuosidade; coação; constrangimento (FONTINHA, s/d)

De acordo com os achados da revisão integrativa realizada por Martins e Pereira, em 2021, a violência, enquanto problema de saúde, está sempre presente na sociedade e é reconhecida em todo o mundo como um retrocesso difícil de enfrentar. Trata-se de um problema, às vezes coletivo ou individual, que na maioria das vezes causa danos físicos e mentais.

4.2 Tipos de Violência

A violência, quando relacionada ao trabalho, tem sido pesquisada e deve ser vista como um problema mundial. De acordo com o Ministério do Trabalho (2004), pode ser dividida em alguns tipos: no local de trabalho, em decorrência de relações desgastadas profissionalmente e

ligada ao assédio moral.

A agressão física e verbal no âmbito ocupacional é definida pela OMS (2002) como abuso, ameaça ou ataque tendo relação com o trabalho que o indivíduo atua, tendo em vista o local laboral, trajeto de ida e volta, ameaças direta e indiretamente para a segurança ou saúde.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2019), a ocorrência desta no local de trabalho também pode estar relacionada a execução de uma pessoa contra outra pessoa levando a agressão, ofensa, humilhação ou prejuízo podendo causar danos irreparáveis. A partir disso, o trabalhador é considerado sob alto risco em todas as áreas do trabalho, principalmente no ambiente hospitalar (VASCONCELLOS et al., 2012).

Em âmbito de saúde, as consequências das agressões podem ser comprovadas pelo aumento na morbimortalidade nos últimos 30 anos, como resultado de violência entre indivíduos, discriminação racial ou de classe, abusos e dominações. Em relação a parte psicológica, ações ou omissões são abrangidas e causam ou visam causar problemas à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento do profissional e tem como principais elementos: assédio moral e sexual, discriminação racial, intimidação, ameaças e hostilidades. Tais atos causar transtornos psíquicos como ansiedade e depressão e podem resultar em suicídio (VELLOSO et al., 2011).

A violência externa é provocada por indivíduos que não pertencem à organização, ou seja, por alguém desconhecido do espaço laboral. É reflexo, em grande parte, da agressão nas ruas, sendo as maiores vítimas os profissionais de enfermagem. Já a violência interna ocorre entre os próprios trabalhadores da instituição, devido à hierarquia ou nas relações interpessoais horizontais (MORAIS – FILHO et al., 2009).

4.3 Vítimas da Violência

No território brasileiro, é evidente a caracterização da superlotação dos serviços de saúde, ritmo veloz do atendimento aos pacientes, exaustão laboral para os profissionais de saúde, sendo Médicos, Enfermeiros, Técnicos, em ambientes de saúde como Serviços Hospitalares de Urgência e Emergência, Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e outros locais públicos 24h (SCARAMAL et al., 2017; BORDIGNON; MONTEIRO, 2016).

O processo da agressão ultrapassa o ambiente físico do âmbito de trabalho nos serviços de saúde, sendo as questões sociais também apresentadas, onde os aspectos das relações interpessoais e intrapessoais fazem parte e são afetadas, fazendo assim uma ligação direta com a satisfação da atividade de trabalho do profissional da Saúde. Configurando-se assim, a violência ocupacional como uma forma de violência de múltiplas determinações (SILVA et al., 2021 apud SANTANA et al., 2016).

A enfermagem se torna a profissão com maiores repercussões em termos de violência ocupacional. Apresentam as taxas maiores como vítimas diretas da violência física, psicológica, verbal ou sexual, em comparações com outras profissões no setor da saúde. Os Técnicos em Enfermagem, que apresentam nível médio de escolaridade, são o público de saúde com maior contato direto com pacientes, e seguindo raciocínio para essa realidade, são os mais expostos aos atos de agressão ocupacional, seguidos das profissionais do sexo feminino (VIEIRA, 2017).

Em soma, a própria atividade desenvolvida pelo Enfermeiro, demanda tempo mais extenso com o paciente, logo, tal classe de trabalhadores da Saúde apresenta maiores riscos de violência. Segundo o COFEN (2017), que prediz em seu Código de ética dos Profissionais de Enfermagem, Art. 34 que é proibido provocar, cooperar, ser conivente ou omissos com qualquer forma de violência.

Uma pesquisa de PAI et al (2018) de caráter transversal com delineamento qualitativo e quantitativo em um Hospital Público da Região Sul do Brasil, com participação do estudo, enfermeiros, técnicos de enfermagem, médicos, odontólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, assistentes sociais, psicólogos e técnicos radiologistas, compondo uma amostra de 269 indivíduos. Destes, Violência Física (n=42), Agressão Verbal (n=135), Assédio Moral (n= 69), Assédio Sexual (n=7), Discriminação Racial (n=24). Tais resultados reforçam as tendências amplamente descritas e discutidas, apresentando a violência psicológica como prevalente, principalmente na forma de agressão verbal e assédio moral, mas também uma frequência significativa da violência física. Outros resultados importantes deste estudo foram: o fato de que as mulheres estão mais expostas à violência física, assédio moral e discriminação racial, e que os técnicos de enfermagem são os mais expostos à violência física e ao assédio moral. A percepção que o sexo feminino é o mais afetado e que os enfermeiros referiram sofrer mais violência verbal (90%; 72/80) do que física (17,5%; 14/80), são realidades reforçadas pelos resultados de CEBALLOS e seus colaboradores (2020).

No entendimento de PAI et al (2018) existe a necessidade de despertar nos profissionais da saúde formas de reconhecer a problemática e seus fatores causais, observando que os usuários são os principais executores, com intuito de proferir ações de intervenções apropriadas sobre fatores comuns que possam suscitar reações violentas que atentem a segurança dos trabalhadores. Por fim, este artigo destaca que, apesar das maiores estatísticas da violência laboral girarem em torno dos Profissionais de Enfermagem, as demais Profissões da área da Saúde também são afetadas, comprometendo a eficiência do trabalho em saúde.

Em um estudo realizado no âmbito da equipe multiprofissional de hospital público amazônico, identificou-se que 60% dos profissionais de saúde já foram vítimas de violência no

local de trabalho, com destaque para as agressões psicológicas contra profissionais do sexo feminino. Outra informação relevante é que, na maioria das vezes, o fator desencadeante da agressão gerada por acompanhantes e pacientes nascem da insatisfação dos serviços ofertados (SILVA et al., 2021). Resultados muito similares haviam sido obtidos por TSUKAMOTO (2019) no âmbito de hospital da região sul do Brasil.

BUSNELLO, e colaboradores (2021) realizaram um estudo no âmbito da Atenção Básica e seus resultados coincide com os resultados discutidos até então, apresentando uma alta exposição a violência laboral aos trabalhadores de Enfermagem da ESF, sendo a grande maioria envolvendo mulheres e a maior incidência nas agressões psíquicas, nestas referem a agressão verbal com percentual de 75,7% (n=128), descrevem verificação de outros tipos de violência, como, o assédio moral (n=66/39,1%), o assédio sexual (n=15/8,9%) e a discriminação racial (n=7/4,1%). Ainda, parte da amostra (n=5/3,0%) referiu ter sofrido violência física.

No ambiente de trabalho, existem formas para se esquivar contra a violência ocupacional aos profissionais da saúde. Uma das estratégias pautadas é a capacitação dos profissionais quanto ao enfrentamento em circunstâncias difíceis e ter em mãos a prevenção contra agressões de familiares, pacientes, ou alguns casos dos membros da própria equipe de saúde, em soma, é possível a instalação de mecanismos de segurança (SCARAMAL et al., 2017).

4.4 Vulnerabilidade dos Profissionais

FREITAS (2018) descreve no levantamento realizado no pronto socorro de um hospital público de RN, que a maioria dos trabalhadores abordados em sua pesquisa relatam ter sofrido algum tipo de violência relacionada a sua atividade de trabalho, destacando a alta prevalência de violência, sendo as principais vítimas o público feminino, as agressões de cunho psicológico são as mais comuns e que os usuários são os principais agressores. Uma importante contribuição deste trabalho está no destaque da necessidade de que os profissionais de enfermagem tenham atitudes de reconhecer e de denunciar a violência, para que essa problemática possa ter uma maior visibilidade. Neste estudo a autora destaca que os trabalhadores relatam falta de suporte da instituição, bem como, de ferramentas para relato e providências cabíveis, levando a subnotificação dos eventos vivenciados por esses profissionais.

Uma outra revisão integrativa, realizada por Silva e colaboradores, em 2019, identificou que um dos fatores que torna vulnerável o ambiente laboral da área da saúde está relacionado ao alto fluxo diário de pessoas principalmente usuários, pessoas estas, com diferentes entendimentos, necessidades e muitas vezes desinformados, neste contexto transferem suas

ansiedades em posturas agressivas e constrangedoras que podem transcender as atitudes verbais.

Tsukamoto e colaboradores (2019) corroboram com esta afirmação e complementam que além da relação sinuosa com usuários, existem as interpessoais com a equipe multidisciplinar local e de serviços de referência e contra referência, que por vezes geram situações de assédio moral e sexual, não denunciado, por medo de perseguição e desemprego, causando doenças psicossociais a este profissional. O mesmo estudo aponta que, associado a esta realidade, está a falta de ferramentas potenciais para identificar estes fatos aliada às falhas nos processos de trabalho para aplicar métodos de prevenção a violência laboral específica as vulnerabilidades locais.

Amorin e equipe (2021) reconhecem esta realidade sobre um aspecto multifatorial interligados a atuação de grande abrangência em cenários socioeconômicos muito diferenciados.

O estudo de Ceballos (2020) indica que os diferentes tipos de violências são influenciados por aspectos institucionais, profissionais e da clientela. Essa complexidade de possíveis causas exige estratégias organizadas para o enfrentamento da problemática, incluindo os fatores de envolvem a capacidade de atendimento, as condições de trabalho e as políticas institucionais de educação permanente, além de educar e sensibilizar os usuários e acompanhantes.

A revisão bibliográfica realizada por Fernandes e colaboradores, em 2017, esclarece ainda que práticas violentas são inaceitáveis em quaisquer locais de trabalho, principalmente em ambientes atribuídos ao cuidado, afirmando necessária uma intervenção através de ações ou medidas de controle preventivas em busca de ambientes mais saudáveis.

A pesquisa realizada por Martins e Pereira (2021) reafirma os entendimentos dos estudos citados anteriormente e conclui que o ambiente da área da saúde se faz vulnerável por multifatores, dentre estes, destaca o relacionamento interpessoal com os usuários e colegas de trabalho, a sobrecarga do trabalho diário, escalas noturnas, excesso de responsabilidades, dimensionamento profissional deficiente como problemas base para integração social saudável. Outras observações sobre as causas da fragilidade deste ambiente está relacionada a comunicação não efetiva, deficiência no reconhecimento do trabalho prestado, e estas situações suscitam reações negativas que podem precipitar a violência ocupacional, os distúrbios físicos e psicológicos se instalam sob esta ótica interferindo na qualidade do trabalho, a própria realidade desenhada impulsiona a este trabalhador erros de acolhimento as pessoas, que podem incitar ainda mais situações constrangedoras e tornar estas pessoas passíveis a usar agressões verbais e físicas a este trabalhador, entendendo que foram mal atendidos por este.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das informações extraídas dos estudos primários incluídos nesta revisão, é possível afirmar que a violência contra os profissionais da área da saúde ainda é muito recorrente e pode se apresentar de diversas formas: psicológica, física, social ou espiritual, sendo a primeira a mais comum. A maior parte dessas ocorrências entre trabalhadores são causadas por relações profissionais desgastadas e/ou ligadas ao assédio moral; no entanto, as situações de violência são mais comuns na relação profissional- paciente e/ou profissional-familiar.

Observa-se que o profissional de saúde está sob alto risco de se tornar uma vítima da violência em todos os locais de trabalho, porém o ambiente hospitalar se mostrou mais vulnerável a este tipo de ocorrência. Acredita-se que, no Brasil, isso deva-se à superlotação de hospitais e prontos atendimentos, que gera conflitos e aumenta a vulnerabilidade dos profissionais que atuam nesses espaços, que geralmente são técnicos de enfermagem ou enfermeiros, sendo a maioria do sexo feminino.

Em relação aos fatores causais, percebe-se que muitos eventos poderiam ser evitados através de intervenções corretivas e preventivas e com uso de ferramentas institucionais de reconhecimento de casos, de suas características e principalmente dos fatores situacionais que envolvem estrutura física, recursos humanos, educação continuada e o acolhimento aos usuários e trabalhadores, e desta forma reduzir a prevalência dos atos de agressão contra profissionais de saúde.

Assim, a violência contra profissionais de saúde corrobora para o desequilíbrio laboral individual e em equipe, em quaisquer espaço de atuação, sendo essencial a adoção de estratégias para minimizar essa realidade, de modo a proporcionar um ambiente de trabalho seguro ao profissional, viabilizando a realização eficaz de seu trabalho, e em última análise, proporcionar saúde de qualidade à sociedade a partir de um melhor cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Naianny Rodrigues de; BEZERRA FILHO, José Gomes; MARQUES, Livia de Andrade. Análise da produção científica sobre a violência no trabalho em serviços hospitalares. **Rev. bras. med. trab**, p. 101-112, 2017.

AMORIM, Mariana Conceição et al. VIOLÊNCIA NO TRABALHO NA PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 34, 2021.

ARAUJO, Adelita Campos. Violência no ambiente de trabalho da enfermagem e educação para os direitos humanos. **Enfermagem Brasil**, v. 12, n. 1, p. 37-43, 2013.

BORDIGNON, Maiara; MONTEIRO, Maria Inês. Violência no trabalho da Enfermagem: um olhar às consequências. **Revista brasileira de Enfermagem**, v. 69, p. 996-999, 2016.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. *Resolução Cofen nº 0564/2017: Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem*. Brasília, DF. 2017.

FERNANDES, Hugo; SALA, Danila Cristina Paquier; HORTA, Ana Lúcia de Moraes. Violência em ambientes de cuidados à saúde: repensando ações. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2599-2601, 2018.

FERREIRA, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio século XXI: o dicionário de língua portuguesa* (3ª ed., rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira

FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, s/d.

International Labour Organization. Convention 190 [Internet]. Genebra: ILO. 2019 Available from: https://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_IL O_CODE:C190. 2019.

MARTINS, Brenner Saboia; PEREIRA, Mayara Cândida. Violência ocupacional na enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e50910717246-e50910717246, 2021.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; LAPIS, Naira Lima A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. Psicol. Soc., 2007 19(1), p. 61–68, jan. 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. 2004. *Política Nacional de Saúde do Trabalhador*. Brasília, DF: Ministério do Trabalho.

MORAIS FILHO, Luiz Alves. **Violência ocupacional contra profissionais de saúde em um hospital de urgência. natal/rn, 2009**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OMS. Organização Mundial de Saúde. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: World Health Organization. (WHO or in portuguese: OMS)

PAI, Daiane Dal et al. Violência física e psicológica perpetrada no trabalho em saúde. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 27, 2018.

PEREIRA, Cícera Adriana Rodrigues. Políticas institucionais de prevenção à violência no trabalho da enfermagem: revisão integrativa. 2018.

SANTOS, Juliano dos, et al. Violências relacionadas ao trabalho e variáveis associadas em profissionais de enfermagem que atuam em oncologia. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 26, n. 12, 2021.

SCARAMAL, Dayane Aparecida et al. Violência física ocupacional em serviços de urgência e emergência hospitalares: percepções de trabalhadores de enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, 2017.

SILVA, Bruna Decco Marques da; MARTINS, Júlia Trevisan; MOREIRA, Aline Aparecida Oliveira. Violência laboral contra a equipe de enfermagem: revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 2, n. 2, p. 125-135, 2019.

SILVA, Fernanda Bandeira da; SILVEIRA, Eliane Fraga da; GEDRAT, Dóris Cristina. Violência sofrida no trabalho: um estudo com profissionais do setor de urgência e emergência de um hospital do norte do Brasil. **Aletheia**, v. 54, n. 2, p. 67-81, 2021.

SILVA, Iracema Viterbo; AQUINO, Estela ML; PINTO, Isabela Cardoso de Matos. Workplace violence in the healthcare sector: the experience of State health employees in Bahia State, Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, n. 10, p. 2112-2122, 2014.

TAVARES, Dayane da Silva, et al. Aspectos relacionados à violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5881-e5881, 2021.

TSUKAMOTO, Sirlene Aparecida Scarpin et al. Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, p. 425-432, 2019.

VASCONCELLOS IRR, et al. Violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem do serviço de pronto atendimento hospitalar. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2012;

VELLOSO, Isabela Silva Cândia; ARAÚJO, Meiriele Tavares; ALVES, Marília. Workers at a basic health unit who interface with violence. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, p. 466-471, 2011.

VIEIRA, Gisele Lacerda Chave. Agressão física contra técnicos de enfermagem em hospitais psiquiátricos. **Revista Brasileira de saúde ocupacional**, v. 42, 2017.